

**NOVOS ESTUDOS
DA LÍNGUA PORTUGUESA,
DAS LITERATURAS E CULTURAS
LUSÓFONAS
NA EUROPA CENTRAL E DE LESTE**

Yana Andreeva | Vesela Chergova | Iliyana Chalakova (Eds.)

NOVOS ESTUDOS
DA LÍNGUA PORTUGUESA,
DAS LITERATURAS E CULTURAS
LUSÓFONAS
NA EUROPA CENTRAL E DE LESTE



NOVOS ESTUDOS
DA LÍNGUA PORTUGUESA,
DAS LITERATURAS E CULTURAS
LUSÓFONAS
NA EUROPA CENTRAL E DE LESTE

Edição:
Yana Andreeva
Vesela Chergova
Iliyana Chalakova

Sófia • 2024
Editora Universitária Sveti Kliment Ohridski

A edição realiza-se ao abrigo do projeto № 80-10-183/27.05.2022 no âmbito do Programa de Investigação da Faculdade de Filologias Clássicas e Modernas da Universidade de Sófia Sveti Kliment Ohridski e com os apoios de



FACULDADE DE FILOLOGIAS
CLÁSSICAS E MODERNAS



- © 2024 Яна Андреева, Весела Чергова, Илияна Чалъкова, съставители
© 2024 Антонина Георгиева, дизайн на корицата
© 2024 Университетско издателство „Св. Климент Охридски“

ISBN 978-954-07-6070-4

<https://doi.org/10.60055/NE.2024.6070.1-186>

Índice

NOTA INTRODUTÓRIA	7
LITERATURA PORTUGUESA E BRASILEIRA	13
Poesia de testemunho na era das migrações	15
Ana Paula Coutinho	
O Tupi e sua presença na literatura brasileira	37
Eduardo de Almeida Navarro	
Escritor e sociedade nos <i>Cadernos de Lanzarote</i>, de José Saramago	48
Yana Andreeva	
Assombrações quotidianas no universo ficcional de Augusto Abelaira	55
Silvie Špánková	
Adília Lopes: uma consciência literária eco-ética	73
Maria do Carmo Cardoso Mendes	
Rasura e palimpsesto: a narrativa de Ana Margarida de Carvalho	80
Monica Figueiredo	
“Eu – Onça”. A questão da cópula ausente em <i>Meu tio o Iauaretê</i>, de Guimarães Rosa	87
Bálint Urbán	
LINGUÍSTICA, CULTURA E TRADUÇÃO NO ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA	97
A vogal temática na derivação deverbal: dois casos	99
Ildikó Szijj	
<Recomeçar a + infinitivo> no português europeu	108
Henrique Barroso	
Presente e futuro do conjuntivo em orações subordinadas adverbiais temporais: mudanças em curso e juízos avaliativos	121
Maria Paz Candela de la Torre, Maria José Carvalho	
Duas línguas em confronto, ou da aquisição dos clíticos do português por aprendentes búlgaros de PLE	131
Ana Paula Loureiro, Vesela Chergova, Henrique Barroso	

Uso didático do romance <i>Agosto</i>, de Rubem Fonseca, nas aulas de tradução literária	148
Jana Benková Marcelliová	
<i>Soldados da pena: a Guerra Peninsular na história da tradução em Portugal</i>	156
Ana Belén Cao Míguez, Ignacio Vázquez Diéguez	
Material humorístico na aula de PLE: da interpretação à produção por alunos hispanofalantes	167
Ana Rita Carrilho	
Os sons do português produzidos por aprendizes húngaros de PLE: aspectos fonéticos	175
Luma da Silva Miranda	

<Recomeçar a + infinitivo> no português europeu

Henrique Barroso

Universidade do Minho | CEHUM
hbarroso@elach.uminho.pt

Resumo

<Recomeçar a + infinitivo> é uma construção que focaliza o ‘começo’ da situação denotada pelo predicado cujo núcleo é a forma verbal de infinitivo. Este valor, o “inceptivo”, é expresso por um conjunto considerável de outras construções, de que *começar a* e *romper a* + infinitivo são meros exemplos. Por conseguinte, constitui objetivo central deste artigo indagar as idiossincrasias da construção sob análise. Para tal, e recorrendo a um *corpus* constituído por material linguístico autêntico, recolhido na imprensa escrita e em textos literários (finais do séc. XX e inícios do séc. XXI), convoco argumentos vários, de natureza estrutural (uns) e sintático-semântica (outros).

Palavras-chave: <Recomeçar a + infinitivo>, verbo semiauxiliar, perífrase verbal, inceptivo, português europeu.

1. Introdução

<Recomeçar a + infinitivo> é uma construção verbal que partilha, prototipicamente, o mesmo significado com outras vinte e uma, distribuídas pelos seguintes nove grupos de acordo com o significado específico que (parece) veiculam, o fundamento da sua distinção: (i) <começar a + infinitivo> e <principiar a + infinitivo>; (ii) <desatar a + infinitivo>, <deitar a + infinitivo>, <largar a + infinitivo>, <romper a + infinitivo>, <deitar-se a + infinitivo>, <botar-se a + infinitivo> e <desandar a + infinitivo>; (iii) <entrar a + infinitivo> e <entrar + gerúndio>; (iv) <pegar a + infinitivo>; (v) <meter-se a + infinitivo>; (vi) <pôr-se a + infinitivo>, <ficar a + infinitivo>, <ficar + gerúndio> e <quedar-se a + infinitivo>; (vii) <recomeçar a +

infinitivo>; (viii) <passar a + infinitivo>; (ix) <começar por + infinitivo>, <começar + gerúndio> e <principiar por + infinitivo>.¹

Deste conjunto, há algumas que estão amplamente documentadas (é o caso da construção <começar a + infinitivo>), outras consideravelmente (o de <pôr-se a + infinitivo> e o da que agora nos ocupa, <recomeçar a + infinitivo>, contudo menos representativamente), outras pouco (o de <meter-se a + infinitivo>) e outras, ainda, muito pouco (como <romper a + infinitivo>).

Nesta aproximação à construção sob escopo vai proceder-se à explicitação do(s) seu(s) significado(s) (prototípico e específico), à sua definição estrutural (isto é, averiguar do seu maior ou menor grau de perifrasticidade), às possíveis restrições de seleção (ou da sua descrição sintática), concluindo com uma breve discussão-síntese em que se focaliza o que resultou mais característico da análise aqui empreendida.²

2. Do(s) significado(s): prototípico e específico

No primeiro tratamento que fiz desta matéria, mais exatamente, que me ocupei de perífrases verbais inceptivas, e em particular da construção sob análise, escrevi, logo após a apresentação do *corpus*-paradigma, o seguinte:

Recomeçar + a + inf. distingue-se de **começar + a + inf.** não por uma questão de natureza estilística, mas sim porque o seu conteúdo aspectual é, rigorosamente, o de um novo começo, ou seja: uma acção verbal que tinha começado e, por qualquer razão, foi interrompida e que, depois, voltou a iniciar-se. Expressam, por conseguinte, dois valores semânticos distintos dentro do mesmo valor aspectual **inceptivo**.

No que diz respeito à coocorrência verbal e à sua gramaticalidade (portanto, funcionalidade na norma linguística portuguesa), são válidas todas as observações relativas às restantes construções de **fase inceptiva**. (Barroso 1994: 120)

¹ Por forma a que melhor se possa perceber estes agrupamentos, e em jeito de orientação, eis as etiquetas que lhes atribuí, há já alguns anos, em documento privado não publicado: as duas do grupo (i) marcam o ‘início’ de uma situação simplesmente, isto é, sem quaisquer nuances; as sete do (ii), o ‘início repentino’; as duas do (iii), o ‘início mais ou menos repentino’; a única do (iv), o ‘início + intensidade’; a única do (v), o ‘início + hábito + afínco, determinação’; as quatro do (vi), o ‘início + duração/continuidade’; a única do (vii), ‘novo início, depois de pausa’; a única do (viii), o ‘início, resultante da transição de uma situação para outra’; e, por fim, as três do (ix), ‘início de uma situação colocada em primeiro lugar numa série’.

² Metodologia inspirada em grande parte em García Fernández (2006), e que tenho vindo a adotar em trabalhos similares: cf. Barroso (2016), para <pôr-se a + infinitivo>; Barroso (2017), para <passar a + infinitivo>; Barroso (2019a), para <começar a + infinitivo>; Barroso (2019b), para <meter-se a + infinitivo>; Barroso (2020), para <principiar a + infinitivo>; Barroso (2021), para <ficar a + infinitivo>; e Barroso (2022), para <desatar a + infinitivo>.

O que aqui se afirma continua válido. Em todo o caso, um outro olhar sobre o mesmo objeto constituirá, com certeza, uma atualização de relevância, pois contribui para aprofundar o seu conhecimento. É o que vou (tentar) fazer.

Assim, e em primeiro lugar, o *corpus*³ em análise, apesar de pequeno (já foi referido), documenta a ocorrência de praticamente todo o paradigma das formas simples (as compostas só não constam porque não foram encontradas – apenas isso).

Em segundo lugar, e no que respeita ao maior ou menor grau de gramaticalização da construção, bem como ainda à sua combinatória e/ou restrições de seleção, as secções à frente falam pelo detalhe, complementando notoriamente aquela abordagem (Barroso 1994).

Porque <recomeçar a + infinitivo> focaliza o ‘começo’ (aqui, em aceção lata) da situação denotada pelo predicado cujo núcleo é a forma verbal de infinitivo, estamos na presença de uma construção aspetual **inceptiva** ou, também denominada, de **fase inicial**. Este é, pois, o seu significado prototípico, o que todas as outras construções elencadas na introdução partilham sem exceção. Contudo, entre potenciais outras propriedades de igual relevância, distingue-se por lhe acrescentar o significado específico ‘novo início após interrupção’.

3. Definição estrutural: perífrase e verbo semiauxiliar

Devido ao facto de a construção que se está a descrever ser praticamente sempre tratada como perífrase verbal, faz todo o sentido que se recordem os critérios habitualmente usados para, perante uma sequência no mínimo de dois verbos, se poder aquilatar se se está na presença de uma perífrase ou de um grupo verbal, seja este uma

³ Que disponibilizo aqui, logo a seguir às Referências bibliográficas.

A propósito do *corpus* e respetiva organização, impõe-se este esclarecimento: os enunciados que aparecem no corpo do texto, numerados de (1) a (37), são na sua grande maioria imediatamente seguidos de uma outra indicação numérica constituída por um algarismo **em negrito**, o da esquerda, seguido de outro ‘em não negrito’, o da direita. O primeiro, que teoricamente vai de 1 a 24 (cf. Barroso 2007: 133-151), indica/significa o ‘tempo verbal’ (simples ou composto) em que a construção aparece; o da direita, o número de ocorrências desta construção em cada tempo verbal, com a finalidade de documentar, sempre que possível, incluindo a ‘pessoa-número’, sobretudo propriedades de natureza sintático-semântico-lexical, a informação que de facto é relevante para a descrição da construção.

Desta feita, e neste *corpus*, temos ocorrências da construção <recomeçar a + infinitivo> nos seguintes tempos verbais: **1.** ‘presente’ do ‘indicativo’, **2.** ‘pretérito’ ‘perfeito’ do ‘indicativo’, **3.** ‘futuro’ (do ‘presente’) do ‘indicativo’, **4.** ‘pretérito’ ‘imperfeito’ do ‘indicativo’, **5.** ‘pretérito’ ‘mais-que-perfeito’ do ‘indicativo’, **6.** ‘condicional’ (ou ‘futuro’ do ‘pretérito’ do ‘indicativo’), **7.** ‘presente’ do ‘conjuntivo’, **8.** ‘pretérito’ ‘imperfeito’ do ‘conjuntivo’, **11.** ‘infinitivo’ ‘não pessoal’ e **12.** ‘infinitivo’ ‘pessoal’.

expressão feita, seja uma combinação sintática de dois ou mais verbos pertencentes a orações diferentes.

Tais critérios são (quase) exclusivamente de natureza sintático-semântica. É nesta base que operam, para o português, por exemplo, Gonçalves e Costa (2002) e, ainda, Raposo (2013). Com efeito, e segundo Gonçalves e Costa (2002), que tomam em consideração os critérios (i) impossibilidade de coocorrência com orações completivas finitas, (ii) impossibilidade de substituição do domínio encaixado por uma forma pronominal demonstrativa, (iii) impossibilidade de coocorrência de duas posições de Sujeito, (iv) passivas encaixadas sem alteração do significado básico da ativa correspondente, (v) impossibilidade de ocorrência do operador de negação frásica no domínio não finito, (vi) ocorrência dos complementos pronominalizados (cliticizados) em adjacência ao verbo auxiliar, (vii) não seleção do Sujeito, (viii) coocorrência com qualquer classe aspetual de predicados verbais e (ix) impossibilidade de ocorrência de modificadores temporais que afetem apenas a interpretação do domínio não finito, só <ter e haver + particípio passado> são verbos auxiliares do português ou, usando uma expressão sua (Gonçalves e Costa 2002: 97), “os auxiliares puros do Português”, porque cumprem todos os quesitos usados para a sua determinação, e que a auxiliaridade “é um fenómeno gradual, no sentido em que, entre os verbos tipicamente auxiliares e os não auxiliares (ou principais), existe um conjunto de verbos cujo comportamento oscila entre o dos primeiros e o dos segundos.” (Gonçalves e Costa 2002: 49). Os demais (de passiva, temporais, modais, aspetuais), tradicionalmente auxiliares, são considerados pelas autoras como ‘semiauxiliares’, exatamente por não cumprirem a pleno os critérios acabados de explicitar.

Por sua vez, Raposo (2013: 1231) faz esta outra apresentação das propriedades dos verbos auxiliares, colocando à cabeça as de índole semântica, básicas para o autor, no sentido de que estão na origem das demais (duas, assinaladas com as primeiras letras do alfabeto em maiúscula: A e B), seguindo-se-lhes as de natureza sintática (seis, e procedendo de igual modo: C, D, E, F, G e H), discriminadamente: (A): Os verbos auxiliares não selecionam argumentos, (B): Os verbos auxiliares podem ocorrer com verbos impessoais em orações simples, (C): Os verbos auxiliares não selecionam orações subordinadas finitas introduzidas pelo complementador *que*, (D): Os verbos auxiliares não se combinam com um verbo no infinitivo flexionado, (E): Quando o complemento do verbo pleno de uma perífrase verbal é um pronome clítico, este pode ligar-se ao verbo auxiliar, (F): Uma frase ativa transitiva contendo uma perífrase verbal tem o mesmo significado básico da sua contraparte passiva, (G): As frases com perífrases verbais admitem a construção passiva pronominal, concordando o verbo auxiliar com o complemento direto da frase ativa correspondente e (H): A negação frásica incide (apenas) sobre toda a perífrase verbal, concluindo, a modo de síntese, com a sua lista de verbos auxiliares do português (Raposo 2013:

1254–1255), os que exibem, conjuntamente, as propriedades (A), (B) e (H): *ter* + pp (o auxiliar perfeito), *ser* + pp (o auxiliar passivo), *estar* (a) (o auxiliar progressivo), *ficar* (a) e *ir* + infinitivo, considerando os demais como verbos semiauxiliares, por exemplo (todos semiauxiliares aspetuais), *andar* (a), *chegar* (a), *começar* (a), *continuar* (a), *passar* (a), *tornar* (a) e *voltar* (a).

Considerando as propriedades acabadas de explicitar, pode ver-se que os caracteres ‘semiauxiliar’ de *recomeçar a* e ‘perifrástico’ de <*recomeçar a* + infinitivo>, após aplicação dos seguintes testes, resultam nítidos:

Testes 1–3: A forma verbal não finita (o infinitivo) não pode ser substituída nem por um ‘pronome demonstrativo’ (como pode ver-se, confrontando 2 com 1), nem por um ‘nome de significado análogo’ (cf. 3 com 1), nem por uma ‘oração completiva finita’ (cf. 4 com 1).

- (1) 2.1. «**Recomecei** progressivamente **a escrever**, comecei a publicar em jornais locais, depois em revistas académicas, ia a colóquios...»
- (2) *«**Recomecei** progressivamente **a isso**, comecei a publicar em jornais locais, depois em revistas académicas, ia a colóquios...»
- (3) *«**Recomecei** progressivamente **à** (= a + a) **escrita**, comecei a publicar em jornais locais, depois em revistas académicas, ia a colóquios...»
- (4) *«**Recomecei** progressivamente **a que escrevia/ escreveria**, comecei a publicar em jornais locais, depois em revistas académicas, ia a colóquios...»

Teste 4: A forma verbal não finita da construção não pode ser focalizada na ‘estrutura enfática de relativo’ (ou ‘estrutura clivada’) (cf. 6 com 5).

- (5) 1.1. «O olho de Ricardo **recomeça a tremer**.»
- (5) *«**A tremer é ao que** o olho de Ricardo **recomeça**.»

Teste 5: O infinitivo é a forma verbal responsável pela ‘seleção do sujeito’, bem como de ‘outros complementos’ – caso os haja –, e não a forma finita do semiauxiliar *recomeçar a* (cf. 7, de sujeito nulo (*chover*, verbo meteorológico, é um predicado de zero argumentos); 8 com 9, de sujeito animado e humano *vs.* animado não humano/ não animado; 10 com 11, complemento não preposicionado *vs.* preposicionado).

- (7) 11.1. «Homem teimoso, pensou Marta, deveria ter levado a furgoneta, de um momento para o outro Ø pode **recomeçar a chover**.»
- (8) 4.1. «Qual de baixo, qual de cima, rolaram no espaço apertado, esbarrando uma e outra vez contra os pés das camas, enquanto, novamente assustado, o rapazinho estrábico **recomeçava a chorar e a gritar** pela mãe.»
- (9) *«Qual de baixo, qual de cima, rolaram no espaço apertado, esbarrando uma e outra vez contra os pés das camas, enquanto, novamente assustado, o pin-tainho/ o pinheiro/ o sino (estrábico) **recomeçava a chorar e a gritar** pela mãe.»

- (10) 7.1. «[...] , não tardará muito que o moinho das nuvens **recomece a peneirar** a sua farinha de água, [...] .»
 (11) *«[...] , não tardará muito que o moinho das nuvens **recomece a peneirar** n(a) sua farinha de água, [...] .»

Teste 6: Os (pronomes) clíticos podem ocorrer tanto junto da forma finita do semiauxiliar *recomeçar a* quanto pospor-se ao infinitivo (cf., respetivamente, 13 e 14 com 12).

- (12) 7.1. «[...] , não tardará muito que o moinho das nuvens **recomece a peneirar** a sua farinha de água, [...] .»
 (13) «[...] , não tardará muito que o moinho das nuvens a **recomece a peneirar**, [...] .»
 (14) «[...] , não tardará muito que o moinho das nuvens **recomece a** peneirá-la, [...] .»

Teste 7: A perífrase sob análise pode ser submetida à prova da passivização, sem que ocorra alteração de significado – comportamento determinado pelo caráter transitivo do auxiliado (cf. 16 com 15 e, ainda, 17 com 18).

- (15) 2.2. «Tive de voltar à profissão, **recomecei a dar** aulas com regularidade, organizei a vida.»
 (16) «Tive de voltar à profissão, aulas **recomeçaram a ser dadas** com regularidade, organizei a vida.»
 (17) 7.1. «[...] , não tardará muito que o moinho das nuvens **recomece a peneirar** a sua farinha de água, [...] .»
 (18) «[...] , não tardará muito que a (sua) farinha de água **recomece a ser peneirada** pelo moinho das nuvens, [...] .»

Como última nota na definição estrutural de <*recomeçar a* + infinitivo>, deve assinalar-se que esta construção, à semelhança de outras (poucas) perífrases inceptivas (<*começar a* + infinitivo> e <*desatar a* + infinitivo>, por exemplo), admite a possibilidade de eliminação do infinitivo. Para que tal ocorra, terá que já ter sido referido – uma espécie de anáfora, digamos (cf., por exemplo, 20 com 19):

- (19) 6.1. «[...] . Que a maior parte das pessoas internadas naquelas condições **recomeçaria a fumar** no dia seguinte.»
 (20) A maior parte das pessoas internadas naquelas condições **recomeçaria a fumar** no dia seguinte?
 – Sim, recomeçaria.»

4. Descrição sintática(-semântica)

Nesta secção, mais nuclear, investigam-se as possíveis restrições de seleção que afetam a construção, quer as que dizem respeito ao verbo semiauxiliar (ser defetivo, nesta qualidade, em determinados tempos, aspetos, modos, etc.) quer particularmente as respeitantes ao auxiliado (aquele, o semiauxiliar, restringe muito frequentemente o tipo de verbos com que se pode combinar para construir perífrases, sobretudo por razões que se prendem com a classe aspetual⁴ deste último, o verbo principal).

No que às propriedades morfossintáticas do semiauxiliar diz respeito, o *corpus* mostra a sua coocorrência com tempos de significado aspetual ‘imperfectivo’, como o presente e o pretérito imperfeito do indicativo, mais marcadamente (cf. 21, 22 e 23, interpretações-manifestações, respetivamente, habitual, progressiva e contínua), e ‘perfectivo’, como o pretérito perfeito simples (cf. 24).

- (21) 1.1. «O olho de Ricardo **recomeça a tremer**.»
- (22) 1.2. «[...] Há pedaço, eu estava ainda tonta, insegura, talvez decepcionada (mas não, mas não), agora, porém, que comi o quarto de bife começo a recompor-me, **recomeço a ser** eu.»
- (23) 4.2. «Depois de encostar, por momentos, a cabeça à carteira, recompunha-se pouco a pouco e **recomeçava a rir e a desenhar** esqueletos na sua ardósia, antes de que os seus olhos se secassem completamente [...]»
- (24) 2.2. «Tive de voltar à profissão, **recomecei a dar** aulas com regularidade, organizei a vida.»

Quanto às propriedades sintático-semânticas, pode-se igualmente afirmar que o *corpus* documenta a combinação de <*recomeçar a* + infinitivo> com todas as classes aspetuais de predicados, tanto com os que denotam situações dinâmicas (*atividades*, *accomplishments* e *achievements*, na terminologia de Vendler (1967), ou, na de Moens (1987), e respetivamente, *processos*, *processos culminados* e *culminações*) como com aqueles que descrevem situações não dinâmicas (*estados*, na terminologia de ambos). Estas quatro tipologias de classes aspetuais encontram-se ilustradas nos enunciados 25, 26 e 27 (*atividades*), 28, 29 e 30 (*accomplishments*), 31 (*achievement*) e 32 (*estado*).

- (25) 2.1. «**Recomecei** progressivamente **a escrever**, comecei a publicar em jornais locais, depois em revistas académicas, ia a colóquios...»
- (26) 2.3. «Durante uns momentos dançámos sem falar. Nada de anormal para ela. Aparentemente. Depois eu disse: Clara, vou-me embora. Ela não disse

⁴ Sobre classes aspetuais de predicções (distintas tipologias), com que em parte se opera aqui, cf. Vendler (1967) e sobretudo Moens (1987), mas também Cunha (1998 e 2007), Oliveira (2003) e, ainda, De Miguel (1999).

nada. Eu disse: vens comigo? Ela disse: eu fico. Eu disse: bom, então adeus. E a Clara disse adeus. Parámos de dançar. Dei-lhe um beijo. Que ela recebeu com a emoção de uma estátua. Comecei a afastar-me rumo à porta. A Clara imóvel durante uns segundos. Mas logo a seguir **recomeçou a dançar.**»

- (27) 6.1. «[...] Que a maior parte das pessoas internadas naquelas condições **recomeçaria a fumar** no dia seguinte.»
- (28) 2.4. «Num arrumo de autoridade de quem quer acabar com uma brincadeira infantil que já foi longe demais, uma onda passou-lhes literalmente por cima, e arruinou parte da construção. [...]. **Recomeçaram a reconstruir** já com menos convicção.»
- (29) 7.1. «[...], não tardará muito que o moinho das nuvens **recomece a peneirar a sua farinha de água**, [...].»
- (30) 12.1. «Às vezes parava, curvava-se, extraía um pico do calcanhar, para logo **recomeçar a subir** – ofegante, tropeçado, a língua entalada nos dentes.»
- (31) 4.1. «Qual de baixo, qual de cima, rolaram no espaço apertado, esbarrando uma e outra vez contra os pés das camas, enquanto, novamente assustado, o rapazinho estrábico **recomeçava a chorar e a gritar pela mãe.**»
- (32) 1.2. «[...]. Há pedaço, eu estava ainda tonta, insegura, talvez decepcionada (mas não, mas não), agora, porém, que comi o quarto de bife começo a recompôr-me, **recomeço a ser eu.**»

Isto não quer dizer, no entanto, que a construção sob escopo coocorra com todo o tipo de predicados ou, talvez mais preciso, com predicados que denotam qualquer tipo de situação. Com efeito, há a registar dois tipos de restrições: um prende-se com os predicados denotadores de achievements/ culminações e o outro afeta os que denotam estados. Consideremo-los separadamente.

Quanto ao primeiro tipo, verifica-se que a combinação da construção em apreço com predicados de achievement/ culminação estritamente pontuais produz estruturas agramaticais (cf. 33 e 34 com 35).

- (33) 8.1. «[...]. A resistência cessou finalmente no princípio dos anos 70, mas passaram-se décadas até que a população maori **recomeçasse a crescer.** [...].»
- (34) 5.2. «Quedaram-se na estrada, de olhos pregados na cheia, no grupo de vagões pintados de vermelho e nos camiões e carros envoltos pelas águas, que ondulavam suavemente. A chuva **recomeçara a cair.**»
- (35) *«Quedaram-se na estrada, de olhos pregados na cheia, no grupo de vagões pintados de vermelho e nos camiões e carros envoltos pelas águas, que ondulavam suavemente. A árvore **recomeçara a cair.**»

Pelo confronto dos enunciados convocados, vemos que (33) e (34) são gramaticais porque os eventos se reinterpretam, graças à composicionalidade, como durati-

vos e não delimitados: em (33), porque o predicado (*crescer*) incorpora lexicalmente uma fase que precede a consumação do *telos* e, em (34), devido à natureza semântica do nome com função de Sujeito (contínuo *vs.* discreto, em (35)): *A chuva.../ A árvore....*

Em relação ao segundo tipo, constata-se que a combinação da estrutura em análise com predicados de estado permanente denotadores de propriedades inalienáveis do sujeito também produz estruturas agramaticais (cf. 36 e 37).

(36) *«A Joana **recomeçou a ter** os olhos azuis.»

(37) *«O senhor João **recomeçou a ser** alto.»

Efetivamente, *ter os olhos azuis* e *ser alto* são traços que se têm – daí a agramaticalidade de (36) e (37). Por conseguinte, e noutros termos, pode-se afirmar que <recomeçar a + infinitivo> é um operador incompatível com predicados denotadores de estados não-faseáveis.

5. Resultados (e breve discussão)

Um primeiro resultado da investigação aqui levada a cabo diz respeito ao facto de a construção de fase inicial <recomeçar a + infinitivo> não poder coocorrer com predicados que denotem eventos estritamente pontuais, mas sim com as que incorporem uma fase prévia. Os eventos estritamente pontuais ocorrem apenas num ponto; ao invés, os que incorporam uma fase prévia culminam num ponto. Ora, esta constatação é crucial para se poder perceber a (in)compatibilidade de tais predicados com a presente construção inceptiva. De facto, com predicados de culminação denotadores de situações que ocorrem num ponto, a construção em análise não pode marcar o início do evento porque o princípio e o fim são apenas um. Pelo contrário, com predicados de culminação denotadores de situações que culminam num ponto, a perífrase em apreço foca o início da fase que precede a consecução do *telos*.

E um segundo resultado prende-se com o facto de a construção de fase inicial <recomeçar a + infinitivo> também não poder coocorrer com predicados que denotem propriedades inalienáveis do sujeito, e a razão desta incompatibilidade explica-se porque as propriedades inalienáveis, em sentido estrito, não têm início nem termo; é o tempo de existência que caracteriza a entidade.

6. Conclusão

Ficou claro que <recomeçar a + infinitivo> é um operador incompatível, por um lado, com predicados (de culminação) que denotem situações estritamente pontuais e, por outro lado, com predicados que denotem situações estativas não faseáveis. No

primeiro caso, porque ocorrem num ponto e, no segundo, porque, carecendo de todo de qualquer fase, dão logicamente origem a construções anómalas, agramaticais.

Referências bibliográficas

- Barroso, H.** (2022): “<Desatar *a* + infinitivo> no Português Europeu” // *Studia Iberystyczne*, n.º 21, pp. 163–186. [<https://doi.org/10.12797/SI.21.2022.21.09>].
- Barroso, H.** (2021): “<Ficar *a* + infinitivo> no português europeu” // *Confluência*, n.º 60 (jan.-jun.), pp. 9–35.
- Barroso, H.** (2020): “Da gramática de <principiar *a* + infinitivo> no Português Europeu” // *Древняя и новая Романія*, n.º 26, pp. 32–48. [*Antiga e Nova Romania*, n.º 6, pp. 32–48].
- Barroso, H.** (2019b): “<Meter-se *a* + infinitivo> no Português Europeu” // *Studia Iberystyczne*, n.º 18, pp. 349–363. [<https://doi.org/10.12797/SI.18.2019.18.25>].
- Barroso, H.** (2019a): “<Começar *a* + infinitivo> no Português Europeu” // *De Oriente a Ocidente: Estudos da Associação Internacional de Lusitanistas*, vol. V – Estudos da AIL sobre Ciências da Linguagem (Língua, Linguística, Didática), Cláudia Pazos Alonso, Vincenzo Russo, Roberto Vecchi, Carlos Ascenso André (eds.), Coimbra: Angelus Novus, pp. 145–186.
- Barroso, H.** (2017): “<Passar *a* + infinitivo> no Português Europeu: construção com valor discursivo ou operador aspetual?” // *Pelos mares da língua portuguesa 3*, António Manuel Ferreira, Carlos Morais, Maria Fernanda Brasete e Lídia Rosa Coimbra (eds.), Aveiro: UA Editora, pp. 279–301.
- Barroso, H.** (2016): “<Pôr-se *a* + infinitivo> no Português Europeu” // *Língua Portuguesa. Unidade na Diversidade*, vol. I, Barbara Hlibowicka-Węglarz, Justyna Wiśniewska e Edyta Jabłonna (org.), Lublin: Wydawnictwo Uniwersytetu Marie Curie-Skłodowskiej, pp. 109–124.
- Barroso, H.** (2007): *Para uma gramática do aspecto no verbo português*. Braga: Universidade do Minho. [Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/7987>].
- Barroso, H.** (1994): *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/ sincrónica*. Porto: Porto Editora.
- Cunha, L. F.** (1998): *As construções com progressivo no Português: uma abordagem semântica*. Porto: Universidade do Porto. [Tese de Mestrado inédita].
- Cunha, L. F.** (2007): *Semântica das predicções estativas. Para uma caracterização aspetual dos estados*. München: Lincom Europa.
- De Miguel, E.** (1999): “El aspecto léxico” // *Gramática descriptiva de la lengua es-*

- pañola*, vol. 2, Ignacio Bosque e Violeta Demonte (eds.), Madrid: Editorial Espasa Calpe, pp. 2977–3060. [Real Academia Española – Colección Nebrija y Bello].
- Duarte, I. e A. M. Brito** (2003): “Estrutura argumental e papéis temáticos”; “Tipos de situações e tipologia aspectual dos verbos”; “Natureza aspectual do verbo e respectiva estrutura argumental” // *Gramática da língua portuguesa* (5.^a ed.), Maria Helena Mira Mateus *et al.* (org.), Lisboa: Editorial Caminho, pp. 183–197.
- García Fernández, L.** (2006): *Diccionario de perífrasis verbales*. Madrid: Editorial Gredos.
- Gonçalves, A. e T. da Costa** (2002): (*Auxiliar a*) *Compreender os verbos auxiliares. Descrição e implicações para o ensino do Português como Língua Materna*. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português.
- Moens, M.** (1987): *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Edinburgh: University of Edinburgh. [Ph. D.] [em linha] Disponível em: https://www.academia.edu/es/67948438/Tense_aspect_and_temporal_reference
- Oliveira, F.** (2003): “Tempo e aspecto” // *Gramática da língua portuguesa* (5.^a ed.), Maria Helena Mira Mateus *et al.* (org.), Lisboa: Editorial Caminho, pp. 127–178.
- Raposo, E. B. P.** (2013): “Verbos auxiliares” // *Gramática do Português, vol. II*, Eduardo Buzaglo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Coelho da Mota, Luísa Segura e Amália Mendes (eds.), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 1219–1281.
- Vendler, Z.** (1967): *Linguistics in Philosophy*. New York: Cornell University Press.

Corpus

- 1.1. «O olho de Ricardo **recomeça a tremer**.»
[P, 1995/10/22]
- 1.2. «‘[...] Há pedaço, eu estava ainda tonta, insegura, talvez decepcionada (mas não, mas não), agora, porém, que comi o quarto de bife começo a recompor-me, **recomeço a ser eu**.’»
[RT, p. 84]
- 2.1. «**Recomecei** progressivamente **a escrever**, comecei a publicar em jornais locais, depois em revistas académicas, ia a colóquios...»
[P, 1994/02/06]
- 2.2. «Tive de voltar à profissão, **recomecei a dar** aulas com regularidade, organizei a vida.»
[P, 1994/02/06]
- 2.3. «Durante uns momentos dançámos sem falar. Nada de anormal para ela. Aparentemente. Depois eu disse: Clara, vou-me embora. Ela não disse nada. Eu disse: vens

comigo? Ela disse: eu fico. Eu disse: bom, então adeus. E a Clara disse adeus. Parámos de dançar. Dei-lhe um beijo. Que ela recebeu com a emoção de uma estátua. Comecei a afastar-me rumo à porta. A Clara imóvel durante uns segundos. Mas logo a seguir **recomeçou a dançar.**»

[FH, p. 235]

2.4. «Num arrumo de autoridade de quem quer acabar com uma brincadeira infantil que já foi longe demais, uma onda passou-lhes literalmente por cima, e arruinou parte da construção. [...]. **Recomeçaram a reconstruir** já com menos convicção.»

[Não se pode..., p. 233]

3.1. «Os operadores turísticos alemães consideram que, em consequência deste acidente, a procura vai diminuir, mas a curto prazo os turistas **recomeçarão a voar** para as Caraíbas em grande número.»

[JN, 1996/02/08]

4.1. «Qual de baixo, qual de cima, rolaram no espaço apertado, esbarrando uma e outra vez contra os pés das camas, enquanto, novamente assustado, o rapazinho estrábico **recomeçava a chorar e a gritar** pela mãe.»

[EC, p. 54]

4.2. «Depois de encostar, por momentos, a cabeça à carteira, recompunha-se pouco a pouco e **recomeçava a rir e a desenhar** esqueletos na sua ardósia, antes de que os seus olhos se secassem completamente [...].»

[Pa 2 (1996/06/02), p. 60]

5.1. «As flores tinham escorregado para o chão, sobre o lenço manchado, o sangue **recomeçara a pingar** do dedo ferido,»

[EC, p. 18]

5.2. «Quedaram-se na estrada, de olhos pregados na cheia, no grupo de vagões pintados de vermelho e nos camiões e carros envoltos pelas águas, que ondulavam suavemente. A chuva **recomeçara a cair.**»

[...]⁵

6.1. «[...]. Que a maior parte das pessoas internadas naquelas condições **recomeçaria a fumar** no dia seguinte.»

[P, 1997/03/16]

7.1. «[...], não tardará muito que o moinho das nuvens **recomece a peneirar** a sua farinha de água, [...].»

[C, p. 47]

8.1. «[...]. A resistência cessou finalmente no princípio dos anos 70, mas passaram-se décadas até que a população maori **recomeçasse a crescer.** [...].»

[P, 1995/09/24]

11.1. «Homem teimoso, pensou Marta, deveria ter levado a furgoneta, de um momento para o outro pode **recomeçar a chover.**»

[C, p. 44]

⁵ Ocorrência recolhida em Steinbeck, J., *As Vinhas da Ira* (trad. port. de *The Grapes of Wrath* por Virgínia Motta). Lisboa: Edição “Livros do Brasil”, s. d., p. 474.

12.1. «Às vezes parava, curvava-se, extraía um pico do calcanhar, para logo **recomeçar a subir** – ofegante, tropeçado, a língua entalada nos dentes.»

[*Putos*, p. 86]

Fontes do corpus

Textos literários

Carvalho, Ana Margarida

(2016) *Não se pode morar nos olhos de um gato*. Lisboa: Teorema.

Castilho, Paulo

(²1990) *Fora de Horas*. Lisboa, Contexto. [¹1989].

Namora, Fernando

(^o1993) *O Rio Triste*. Mem Martins, Publicações Europa-América, Lda. [¹1982].

Saramago, José

(2000) *A Caverna*. Lisboa, Editorial Caminho, SA.

(1995) *Ensaio sobre a Cegueira*. Lisboa, Editorial Caminho, SA.

Tojal, Altino do

(1989) *Os Putos* (edição comemorativa do 25.º aniversário: 1964-1989). Odivelas, Europress [¹1964].

Imprensa escrita

Jornal de Notícias (diário), Porto

Pública (revista dominical do *Público*), edição Porto

Público (diário), edição Porto

Siglas (das fontes do corpus)

CA Caverna, José Saramago

EC Ensaio sobre a Cegueira, José Saramago

FH Fora de Horas, Paulo Castilho

JN Jornal de Notícias

Não se pode... Não se pode morar nos olhos de um gato, Ana Margarida de Carvalho

P Pública

Pa Pública

Putos Os Putos, Altino do Tojal

RT O Rio Triste, Fernando Namora

NOVOS ESTUDOS
DA LÍNGUA PORTUGUESA, DAS LITERATURAS E CULTURAS
LUSÓFONAS
NA EUROPA CENTRAL E DE LESTE

Българска
Първо издание

Съставители и редактори

Яна Андреева
Весела Чергова
Илияна Чалъкова

Дизайн на корицата
Антонина Георгиева

Предпечат
Иво Ников

Формат 70x100/16
Печатни коли 11,5

Университетско издателство „Св. Климент Охридски“
unipress.bg

ISBN 978-954-07-6070-4



9

789540760704

unipress.bg

Цена 20 лв.

